



Série Portugal, Património Mundial

O museu vivo de Coimbra que foi o primeiro aposento real de Portugal



Em 2013, a UNESCO classificou grande parte do centro histórico de Coimbra. Não apenas a sua secular universidade, mas muitos dos edifícios que lhe estão ligados, da Alta à Baixa da cidade, da opulência barroca à austeridade do Estado Novo. Seis anos depois, juntava ao conjunto a peça que faltava: o Museu Machado de Castro, o edifício que ajuda a contar a história da cidade. *Camilo Soldado (texto) e Adriano Miranda (fotos)*



● A solenidade da fachada em pedra, com quatro colunas jónicas e escudo real no pórtico, serve de indício. Depois, a pesada porta de madeira maciça entreabre-se, os olhos habitam-se a uma luz mais suave, coada por janelas e portadas, e são inundados pela opulência do espaço: a folha dourada, o mobiliário em madeiras exóticas trabalhadas, a tapete vermelha que protege o chão em calcário de Estremoz, o tecto com frescos. Estão também lá as estantes ornamentadas com motivos chineses e preenchidas com livros, para nos recordarmos que acabamos de entrar numa biblioteca. Ao fundo, os olhos são conduzidos para retrato do patrono do lugar, D. João V, responsável por mandar construir a Biblioteca Joanina, na Alta de Coimbra, uma adenda ao antigo Paço Real, tarefa que levou mais de uma década a com-

pletar, de 1717 a 1728.

“O rei não tinha apenas a intenção de construir uma biblioteca académica, mas um palácio ao saber”, introduz Catarina Freire, que há 17 anos trabalha como guia-intérprete na Universidade de Coimbra. Séculos depois, os 60 mil livros dispostos pelos três pisos continuam a poder ser consultados, mas a Joanina recebe actualmente mais turistas do que estudantes. Há também os aspectos menos visíveis, como a colónia de morcegos que ali habita. Quando as portas se fecham, ao final do dia, os mamíferos voadores começam o trabalho de limpeza de insectos, o que ajuda à sua dieta, mas também à conservação dos livros.

Esta biblioteca incomum é um dos principais pontos de interesse de um conjunto de 31 edifícios (32 em 2019, com a classificação do Museu Nacio-



A Biblioteca Joanina é um dos principais pontos de interesse de um conjunto de 31 edifícios reconhecido pela UNESCO; à esquerda, a Sala dos Capelos; em baixo, o Pátio das Escolas

uma universidade e essa continua a ser a nossa principal função”, sublinha o vice-reitor da UC com o pelouro do património, Alfredo Dias. Mas assume que, sendo uma das cinco universidades do mundo classificadas pela UNESCO, a vocação turística tem também de ser cuidada.

Em 2013, o peso do património mundial fez aumentar o interesse pela histórica academia. De lá para cá, o número de visitas explodiu: foram 192 mil visitantes em 2012, perto de 250 mil em 2013 e 610 mil em 2018, ano em que foi atingido o pico. Daí que medidas mitigadoras tenham que ser postas em prática. “As pessoas introduziram uma pressão sobre o espaço. Temos que encontrar soluções que permitam compatibilizar a conservação com o usufruto”, explica o responsável que é simultaneamente presidente da Associação RUAS (Recrutar a Universidade, Alta e Sofia), a entidade que tem a tarefa de salvaguardar, promover e gerir a área classificada.

Na Biblioteca Joanina, por exemplo, que apenas passou a ser visitável a partir da década de 1980, o movimento é controlado. Entram no máximo 60 pessoas a cada 20 minutos, podendo estar apenas dez no piso principal e o número de visitas anual bateu no tecto.

Sáímos da capela de São Miguel, passamos pelas escadas e claustros da Faculdade de Direito e é-nos apresentada uma prova de que não é apenas a tensão entre vocação turística e universitária que tem de ser cuidada, mas também entre a tradição e património. Na parede, há azulejo mais desgastado, que mostra ainda uma figura de uma raposa. Ora, manda a tradição que o estudante dê um pontapé no animal para afastar o chumbo. Daí o desgaste daquele azulejo em particular e daí que, há coisa de um ano, a universidade tenha colocado um vidro por cima dos azulejos. “O objectivo não é que eles reprovem, mas proteger a raposa”, explica Sónia Filipe.

De reis para reitores por 30 mil cruzados

A Sala dos Grandes Actos, também conhecida como dos Capelos, é a mais importante do edifício. “Talvez do país”, arrisca Catarina Freire. Ao lado, Sónia Filipe desenvolve o argumento: “Pela questão da autenticidade, uma vez que ainda hoje é a sala dos grande momentos da universidade, mas também pela história, pelo ritual e simbolismo. É quase um museu vivo.” A comprovar o seu carácter actual está a pequena multidão que se encontra à entrada da sala, à espera que tenha início uma prova de doutoramento em Direito. A apresentação e defesa da tese tem lugar no mesmo sítio onde D. ➔



conta os elementos patrimoniais, mas também a influência que Coimbra teve na cultura e em instituições de ensino superior de língua portuguesa. A sumptuosidade barroca da Biblioteca Joanina é disso um exemplo, numa combinação entre conhecimento e arquitectura, que ao mesmo tempo é produto de um império colonial.

Lidar com a pressão

Uma visita guiada à universidade não começa necessariamente pela Joanina, explica Catarina Freire, enquanto vamos regressando ao Pátio das Escolas, rodeado pelo edifício em U, com a torre da universidade (conhecida como a cabra) encaixada a um canto e com a face aberta com vista de rio. O ponto de paragem seguinte é a Capela de São Miguel, uns metros ao

lado. Em estilo manuelino, a decoração não deixou um centímetro livre, das paredes revestidas com azulejo ao tecto com motivos florais e, mais uma vez, o escudo real. Destaque também para as madeiras cobertas de folha dourada e para o órgão com mais de 2000 tubos, em estilo barroco, que ainda hoje está em funcionamento.

Este é outro dos espaços que, segundo a arqueóloga da reitoria da UC, Sónia Filipe, “são mais vocacionados para visita” de uma “área monumental significativa que atravessa vários períodos históricos”. Tanto que importa divulgar outros pontos da universidade para aliviar a pressão sobre outros. Aliás, nem toda a universidade foi classificada e nem todos os edifícios classificados pertencem à universidade.

“Em primeira instância, nós somos

nal Machado de Castro) que foi reconhecido pelo Comité do Património Mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação,

Ciência e Cultura) em 2013, numa reunião que decorreu na longínqua Phnom Penh, no Camboja.

A classificação não teve apenas em



Série Portugal, Património Mundial



O Museu Machado de Castro foi integrado no conjunto classificado pela UNESCO em 2019

João I, fundador da dinastia de Avis, foi aclamado rei de Portugal.

Também por isso, esta é a divisão que ajuda a contar a história do edifício, ou das várias versões dele. Ainda antes de passarmos a porta, vemos o único fragmento de mosaico remanescente de uma *domus* da romana Aeminium (designação original de Coimbra), encontrado numas escavações ao Pátio das Escolas na viragem do milénio.

A ocupação romana sucedeu a muçulmana, em 71, e é aí que vamos encontrar o “ADN inicial” deste edifício, explica Sónia Filipe: o alcácer de Alcáçova, do qual ainda há reminiscências na fachada norte. O resto da história é contada com adições e subtrações ao longo dos séculos. A instalação de D. Afonso Henriques (que está sepultado na Igreja de Santa Cruz, na Baixa da cidade) tornou o Paço Real de Coimbra na primeira residência régia do país. Passaria para a UC já depois de esta se ter instalado definitivamente em Coimbra, em 1537. A operação custou 30 mil cruzados à universidade, que adquiriu o edifício ao rei D. Filipe II (I de Portugal), já em 1597. A partir de então, e até hoje, o edifício passou a ser conhecido como o Paço das Escolas. A anterior sala do trono foi reconfigurada já no século XVII e passou a designar-se Sala dos Grandes Actos.

Mas voltemos uns séculos atrás: a universidade foi fundada em 1290 por D. Dinis, tendo conhecido um período de itinerância entre Coimbra e Lisboa e só em 1537 se viria a fixar definitivamente na órbita do Mondego (e, durante esse período, até passou mais tempo na capital do que em Coimbra). De então até ao início do século XX, estudar no ensino superior em língua portuguesa significava estudar em Coimbra. Catarina Freire dá como exemplo José Bonifácio, figura principal da independência do Brasil, que estudou em Coimbra. E do outro lado do Atlântico não veio só ele: “Há quem nos visite porque o avô, o pai, o tio ou o primo estudaram aqui”, refere Catarina Freire. Nomes que ajudaram a construir a língua - um aspecto também valorizado pela UNESCO - passaram igualmente por Coimbra: de Camilo Pessanha a Eça de Queiroz, de José Afonso a Antero de Quental. Foi também um lugar importante de formação de elites, sendo o nome mais sonante o do ditador António de Oliveira Salazar, que estudou e leccionou em Coimbra.

Subindo um piso, a Sala das Armas recorda outro momento da história, em que a UC tinha privilégios, com

justiça própria, autoridades próprias e uma prisão académica, podendo “julgar os seus” à margem da restante sociedade, conta Sónia Filipe. As albardas depositadas nesta sala ainda hoje são utilizadas pelos guardas da universidade (os *arheiros*, que mantêm a guarda à Porta Férrea) em momentos como a abertura solene do ano ou doutoramentos *honoris causa*.

A galeria que leva à Sala do Exame Privado, na ala norte, é percorrida por turistas descontraindo que, se olharem para a esquerda, vão vislumbrando o doutorando a enfrentar o júri, lá em baixo, na Sala dos Capelos. À direita, a vista é para a cidade que se estende até ao rio, numa encosta retalhada por um amontoado de

telhados. Dali avista-se a Sé Velha (cuja construção teve início no século XII, igualmente classificada pela UNESCO), mas também o Museu Nacional Machado de Castro (MNMC) mesmo ali ao lado.

A mais recente aquisição

Mesmo que o museu estivesse despidido de peças, é como se o edifício quisesse muito contar a história da cidade. O Machado de Castro, que foi assim baptizado em honra do escultor conimbricense (embora não tenha qualquer escultura da sua autoria), “é ele próprio um museu de arquitectura”, começa por dizer a sua directora, Ana Alcoforado. Em 2019, a UNESCO classificou também o MNMC, inte-

grando-o no grupo dos outros 31 edifícios que já o tinham sido em 2013. Talvez o facto de o museu ter estado fechado para renovação durante parte do processo de classificação (só reabriu no final de 2012) tenha contribuído para a exclusão.

A classificação acabou por ser vista como uma evolução natural. “Desde sempre que houve uma relação muito forte entre museu e universidade”, tanto que “há partilha de espólios”, explica Ana Alcoforado. O percurso pelo espaço começou com uma descida ao criptopórtico, estrutura germinal que hoje serve de base ao museu e servia inicialmente de base ao fórum romano de Conimbriga, nome com que a localidade foi baptizada após a transferência do bispo do

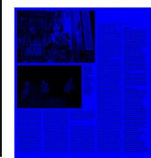
que hoje conhecemos como os arredores de Condeixa para Coimbra. Antes disso, a povoação tinha o nome de Aeminium.

Ao longo dos séculos, o criptopórtico, hoje tido como a estrutura mais importante do género da Península Ibérica, foi sendo aterrado, havendo apenas acesso pelo exterior do museu, pela Rua Borges Carneiro, que já teve o nome de Rua das Covas. Sabe-se que as covas foram utilizadas ao longo do tempo. Tiveram uma forja, serviram de depósito ao que sobrou das demolições da Alta (fragmentos como capitéis, pináculos ou brasões, que ali ficaram até ao início da requalificação do museu, no ano 2000) e começaram a ser investigadas na década de 1970. “O criptopórtico ajuda a ler a malha urbana, uma vez que o fórum ocupava o centro da cidade”, refere Ana Alcoforado.

O Machado de Castro pode, por isso, servir de ponto de partida para se descobrir Coimbra, menciona, embora indique que, de alguma forma, “o museu ainda fica de fora do circuito” de quem vai visitar a UC. “Mas há um crescimento muito grande de visitantes estrangeiros”, nota a directora, “portanto poderá ter havido alguma influência da classificação”.

Regressamos ao piso de entrada e ao espaço desenhado pelo arquitecto Gonçalo Byrne, autor do projecto de requalificação do MNMC, premiado em 2014 com o Piranesi/Prix de Rome. Um projecto que inclui ainda a reconversão da igreja de São João de Almedina, actualmente encerrada ao público, mas que servirá de auditório do museu.

Depois dos romanos, o edifício passou a paço episcopal, que pertencia à diocese. “Mas até isso conferia ao edifício características particulares”, comenta Ana Alcoforado. Bispos mais empreendedores, como D. Afonso Castelo Branco ou D. Jorge de Almeida, traziam artistas para fazer obra na cidade e, no caminho, deixavam trabalho feito no Paço. Um exemplo? “A loggia, uma fachada porticada com dois andares, da autoria de Filipe Terzi, no século XVI.” Os bispos saíram de sua casa e cederam-na à autarquia. Em 1913, o edifício passou a museu e o seu primeiro director, António Augusto Gonçalves, estabeleceu o local como ponto de “salvaguarda de património em risco”. Isso explica a presença da monumental Capela do Tesoureiro, da autoria de João de Ruão, desmontada, trazida do Convento de São Domingos (que hoje é um centro comercial na Rua da Sofia) para a Alta e montada novamente.



Em estilo manuelino, a capela de São Miguel destaca-se pelas madeiras cobertas de folha dourada; ao lado, o núcleo de escultura renascentista do Museu Machado de Castro

pré-existente. “Não podemos voltar atrás e hoje fazem parte do património”, sentencia Alfredo Dias.

Ao projecto monumental de inspiração neoclássica, desenhado pelo arquitecto Cottinelli Telmo, sobreviveram a Sé Nova e o Colégio de Jesus, o Colégio das Artes e o de São Jerónimo. Estes últimos iriam abaixo para dar lugar ao edifício espelho do Departamento de Matemática (o tal cuja inauguração serviu de momento zero à crise académica de 1969), do outro lado da praça de D. Dinis, à qual se acede pelas escadas monumentais. Mas não foram. Primeiro escasseou o dinheiro, depois acabou-se o regime e os dois colégios acabaram por chegar aos dias de hoje.

O conjunto erigido no século XX foi também classificado pela UNESCO. Sónia Filipe explica que, a nível arquitectónico, este conjunto mais recente foi desenhado com grande detalhe, do sofá ao assistente, à cadeira do aluno e ao caixote do lixo. A UC organiza, a pedido, visitas guiadas a estes edifícios, que contam com murais de pintores como Almada Negreiros ou Severo Portela. “Há um particular interesse no Departamento de Matemática”, conta Catarina Freire.

Mas há um núcleo menos citado, quando o assunto é o património classificado de Coimbra: a Rua da Sofia, que nasceu para albergar a universidade, quando ela foi definitivamente transferida para Coimbra. A UNESCO classificou também esta rua aberta em 1535, seguindo o modelo da parisiense Sorbonne, onde foram erguidos sete colégios e respectivas igrejas. Ao longo dos séculos, os vários colégios e igrejas tiveram diferentes utilizações. Hoje, a UC só ocupa um deles, ainda que parcialmente. É o renovado Colégio da Graça, que alberga um pólo do Centro de Estudos Sociais. Os restantes têm as mais diversas utilizações e poucos têm as portas abertas ao público: o Colégio de São Tomás de Aquino serve de casa ao Palácio da Justiça e o antigo Colégio das Artes tem o Centro de Artes Visuais como inquilino. Outros, como por exemplo o Colégio de São Boaventura ou o Colégio do Espírito Santo, estão ocupados por comércio ou habitação.

Segundo Alfredo Dias, “é mais complexo” dinamizar o património “quando o universo é tão diverso”. O responsável diz que está em “fase final” a instalação de sinalética em cada um dos 32 edifícios classificados, o que permitirá a quem passar na Sofia (bem como os restantes pontos) aperceber-se da história por trás das portas de cada um dos edifícios.

À volta de Coimbra

À mesa

Se a curiosidade o levar à Rua da Sofia, saiba que ali perto, no Terreiro da Erva, pode-se comer numa olaria. A ida ao Refeitório vale tanto pelo que vem no prato, como pela arquitectura que o rodeia. O restaurante está instalado na Sociedade Cerâmica Antiga de Coimbra, um edifício que sofreu uma obra de requalificação para servir refeições e petiscos, mas mantém a vocação de olaria. Também na Baixa, mas mais inserido na malha medieval, o restaurante No Tacho (Rua da Moeda) abriu há dois anos e aposta na comida tradicional. Mais para cima e em ambiente menos formal, as francesinhas do Café Atenas (Rua Lourenço de Almeida Azevedo) compensam o desvio.

Na Alta, para tomar café, beber um copo ou comer uma refeição com vista para a cidade, tanto o Loggia (no Museu Machado de Castro) como o Terraço da Alta (ao cimo da rua Padre António Vieira) podem ser boas opções.

Outras paragens

Como nem tudo gira em torno da universidade, o Centro de Artes Visuais (Pátio da Inquisição) ou o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (com pólos na Rua Castro Matoso e na Casa Municipal da Cultura), que organiza a bienal de arte contemporânea de Coimbra – Anozero, têm sempre algo para mostrar. O Seminário Maior (Rua Vandelli), antiga residência de bispos, que só em 2017 abriu as portas ao público, é um tesouro bem escondido, perto do Jardim Botânico, que também merece uma visita, principalmente depois da recuperação da Estufa Grande, com a assinatura do arquitecto João Mendes Ribeiro. O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, estrutura do século XIV que permaneceu inundada pelas águas do rio até muito recentemente, e respectivo núcleo de interpretação, fazem valer um salto à margem esquerda do Mondego. Mesmo ao lado, as Galerias de Santa Clara (Rua António Augusto Gonçalves) têm uma esplanada que oferece vista para o postal tipo de Coimbra.

Nesse mesmo piso estão alguns dos trabalhos de importantes escultores, como Nicolau de Chanterene ou João de Ruão, mas também o Cristo Negro, “das raras peças em madeira desta época, do século XIV”, de autor incógnito, que deve o seu nome ao estado em que estava antes do restauro, escurecido pelo fumo das velas. Desta figura de Jesus crucificado, de tamanho superior ao natural, sabe-se que esteve no velório de Salazar, coincidindo com a época em que esteve em Lisboa para ser restaurado.

Mas o conjunto escultórico mais enigmático do museu está noutra divisão. As figuras trabalhadas em terracota por Hodart, entre 1530 e 1534, ocupam uma sala escura, para que o tom ocre sobressaia. A última ceia foi encomendada para o refeitório do Mosteiro de Santa Cruz, mas a obra

não chegou inteira até aos nossos dias, faltando fragmentos, mãos e pés, apesar de já ter sido possível reconstituir grande parte. “São peças com muitos detalhes”, um exemplo de estatuária renascentista, menciona a directora, que, olhando para o que então se fazia em Coimbra e para o trabalho de Hodart, aventa uma hipótese: “Do ponto de vista das mentalidades, não estávamos preparados para isto.”

Entre colecções de escultura, pintura, ourivesaria ou paramentos religiosos, o museu “tem exposto apenas 10% do seu espólio”, afirma Alcoforado. Parte da colecção em exibição nos cinco pisos é composta por cerâmica. Um exemplo de como a universidade e o Machado de Castro vão conversando através das suas colecções são os azulejos didácticos, um conjunto raro de 20 peças, utilizado pelos jesuítas

para ensinar matemática, astronomia ou física. Há também uma secção sobre a Reforma Pombalina na UC, que mostra como os edifícios foram alterados nesse processo.

A razia da Alta

Um dos edifícios alterados nesse processo foi o Laboratório Chimico, a cinco minutos a pé do Pátio das Escolas, onde hoje está instalado o Museu da Ciência. Este é também um dos poucos edifícios centenários que sobreviveram à voragem demolidora do Estado Novo durante parte do século XX. Entre a década de 1940 e 1969, foram construídas a Faculdade de Letras e Medicina, a Biblioteca Geral, os Departamentos das Físicas, das Químicas e das Matemáticas, arrastando para isso a toda a malha urbana